

**A** SUBJETIVIDADE APARENTE  
DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS  
NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO JORNALÍSTICO

*Tereza Santos da Silva*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a intencionalidade com que certa "escola de jornalistas", formada numa tradição de objetividade e cujo passado se relaciona com a modernização da imprensa brasileira, produz seus textos de opinião. A força argumentativa de alguns operadores modais possibilita ao receptor perceber sutilezas no ponto de vista do emissor sobre determinados assuntos, propiciando a interação entre ambos.

Os *corpora* utilizados foram pesquisados na *Folha de São Paulo*<sup>1</sup>, e a coluna escolhida vem assinada pelo jornalista *Jânio de Freitas*<sup>2</sup>. Os temas por ele abordados trazem à tona a evolução de problemas político-sociais relacionados com medidas do Governo Federal.

Foram selecionadas nove colunas, em ordem cronológica, em dois momentos: início e fim do primeiro semestre de 1997. Para esse trabalho, destacamos algumas proposições que serão analisadas em seus aspectos semântico-pragmáticos. Será observado o posicionamento textual-discursivo do jornalista de acordo com a

evolução de alguns assuntos tais como eleição presidencial, venda de estatais, acordos partidários e política social.

Encontramos suporte teórico para esse exercício na Teoria da Argumentação de Oswald Ducrot, aliada à visão funcionalista de gramática postulada por Talmi Givón e ainda com base na semântica proposicional, própria do texto jornalístico, apontada nos estudos feitos por Nilson Lage, entre outros autores.

## 2.FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Em *Argumentação e Topoi Argumentativos* (1989), Ducrot e Anscombe definem o *enunciado* como sendo o segmento do discurso que tem lugar, data, um produtor e (geralmente) um ou vários receptores. Já a *enunciação* é sempre única, uma vez que se trata de fenômeno empírico e, como tal, não se repete. O *sentido* de um enunciado se constitui pelas relações interpessoais que se estabelecem no momento da *enunciação*, quando locutor e alocutário utilizam a força argumentativa.

Ducrot (1972) ressalta que a noção de sentido lingüístico deverá ser entendida não só como identidade ou diferença entre a estrutura do fato e a estrutura do enunciado utilizado para descrevê-lo, ou seja, em termos de verdade e falsidade (a adequação metafônica entre o enunciado e a coisa, o dizer), mas, principalmente, como direção, conclusões, futuro discursivo; enfim, o alvo para onde esse enunciado aponta (o mostrar).

*Dizer* e *mostrar* constituem dois níveis ou modos de produção da significação que funcionam de maneiras diferentes: enquanto a significação do enunciado é dada pela relação entre a linguagem e o mundo, constituindo o domínio da *semântica*, o sentido é dado pela relação entre a linguagem e os homens, constituindo o campo da *pragmática*. Vale dizer que a pragmática é um componente integrado

à linguagem, situando-se entre a sintaxe e a semântica. O componente pragmático passa a assumir o caráter de constitutivo na produção de sentido (valor semântico do enunciado) ao fazer parte da significação (valor semântico da frase).

Para Ducrot, a frase diz ao ouvinte/leitor o que ele deve interpretar dos enunciados, uma vez que oferece indícios relacionados com o contexto geral do próprio enunciado. As “variáveis interpretativas” devem constituir e atribuir ao locutor uma estratégia argumentativa determinada.

A relação entre enunciados é freqüentemente projetada a partir de certas relações semânticas de onde se percebe sua importância pragmática. Por isso, procuramos encontrar em alguns textos os elementos modalizadores responsáveis pelo menor ou maior grau da força argumentativa desses enunciados. Vamos considerar inicialmente os tempos e modos verbais como operadores argumentativos, para, em seguida, analisar os intensificadores do verbo que são os advérbios, adjetivos, locuções adverbiais e adjetivas. Além disso, serão analisados alguns recursos estilísticos para ver se eles se comportam como operadores, alterando a carga argumentativa dos enunciados.

Tempos e modos verbais servem como marcas de atitudes do falante, além da função de indicadores de tempo cronológico. Em *Functionalism and Grammar*, Givón (1995) postula que a modalidade é um domínio funcional complexo que tem como sub-componentes a semântica e a pragmática. O aspecto holístico da modalidade faz emergir ecos da tradição analítica que divide os verbos modais em dois grupos distintos: os *epistêmicos*, aparentemente mais semânticos, e os *deônticos*, aparentemente mais pragmáticos. A velha tradição dos filósofos tem contribuído para isso, evitando possíveis confusões entre o sentido que cada grupo estabelece.

A lógica tradicional trata a modalidade como uma

propriedade das proposições destacadas do seu contexto comunicativo natural. O autor diz que, para definir as duas modalidades, deve-se ultrapassar o âmbito lógico-semântico, assumindo-se uma perspectiva semântico-pragmática. Segundo a tradição lógica, as proposições se relacionam com o universo ("real" ou "discursivo"), a partir de relações de verdade, estabelecendo-se diferentes *modos de verdade*, com suas propriedades individuais, isto é, verdade necessária (analítica), verdade fatural (sintética) e verdade possível (condicional). Partindo-se dessa concepção, em *Syntax* (1994), Givón encara as modalidades como uma manifestação do contrato *epistêmico* que se instaura entre o falante e o ouvinte no ato da comunicação; daí a distinção entre conhecimento não contestado, asserção *realis* e asserção *irrealis*.

Para Costa (1995) as hipóteses do autor de que o *irrealis* é a categoria decisiva do discurso argumentativo determinam o quanto é necessário operar com a categoria *produtividade argumentativa*.

### 3. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nos textos extraídos da coluna de *Jânio de Freitas na Folha de S. Paulo* encontramos vários operadores argumentativos. Os advérbios, adjetivos e locuções funcionam como intensificadores que alteram a força argumentativa dos verbos nos enunciados, produzindo maior ou menor grau na escala semântica desses modificadores.

#### 1. Verbos e locuções verbais

Acreditamos que a modalidade pode funcionar como operador argumentativo, alterando a força argumentativa dos enunciados. Segundo Givón, no *eixo epistêmico* revela-se a atitude

do conhecimento do locutor, sua manifestação de crença em relação ao conteúdo transmitido. Para o autor, é preciso passar de uma teoria de conhecimento do mundo a uma teoria semântico-pragmática das atitudes proposicionais, isto é, a uma teoria da certeza que se tem a respeito das coisas do mundo. No *eixo deôntico*, que diz respeito às disposições da vontade e do sentimento, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários.

Predominam nos textos analisados os tempos do "mundo comentado" (Indicativo: presente, futuro do presente, pretérito perfeito e futuro do presente composto; locuções verbais formadas com esses tempos). Esses tempos verbais podem estabelecer escalaridade de graus na força argumentativa.

Em (01) o tempo verbal do "mundo comentado" (*será*) serve como referência para muitas outras formas dessa natureza, encontradas ao longo dos textos analisados:

- (01) Se surpreender, com os votos dos deputados obscuros ou preteridos, não será o caso de preocupar Fernando Henrique em relação à continuidade da subserviência da Câmara. (texto 4, § 10)

O autor finaliza seu texto com uma proposição que sugere verdade fatural. O verbo "comentador", neste contexto, mostra sua intenção de levar ao leitor a sua crença sobre o fato asseverado categoricamente. Outros sentenças podem confirmar isso:

- (02) ...a agressividade de Fernando Henrique no discurso aos peemedebistas tem tudo para lhe custar caro \_ talvez no que lhe importa acima de tudo, que é a reeleição. (texto 1, § 3)
- (03) O BNDES não tem poder, de nenhum tipo ou instância,

para intervir nas decisões administrativas da Vale, entre elas as que respeitem ao acesso às tantas instalações da companhia pelo país afora. A incumbência de conduzir o processo de privatização não vai além das já polêmicas medidas para a avaliação e venda das estatais ditas privatizáveis. (texto 2, § 3)

(04) O mesmo governo que determina a repressão aos sem-terra invasores de áreas rurais improdutivas vai, por mudança na legislação, legislar as moradias feitas em áreas urbanas invadidas. O pretexto é permitir que, como proprietários regularizados, residentes de habitações pobres possam obter financiamentos oficiais. Na prática, os grandes beneficiários serão os que têm propriedades nos bons e luxuosos condomínios ilegais, hoje existentes em todas as cidades de porte médio para cima. Brasília deve ser recordista mundial nessa espécie de apropriação criminosa. (texto 5, § 5)

(05) O fecho da semana passada foi dado pelo ministro Antônio Kandir, com a divulgação de um plano que vai tornar a casa própria acessível a todos, com financiamentos a juros baratinhos, e vai dar milhões de empregos, com a retomada das construções. O governo Fernando Henrique é seduzido por planos de financiamento da casa própria. É o sexto que lança. Os anteriores não passaram de farsa. Ou "eventos para produzir notícias positivas", como dizem no governo. (texto 6, § 7)

(06) Pode-se então aceitar que FHC esteja sendo sincero,

embora não verdadeiro, na reação à entrevista e ao discurso do senador Pedro Simon, para quem o governo e o presidente estão sob o predomínio de Antônio Carlos Magalhães, Inocêncio Oliveira e Luís Eduardo Magalhães, coadjuvados pelo restante do PFL. (texto 8, § 2)

Os modalizadores revelam a atitude do falante diante do enunciado que ele produz, ao se estabelecer as relações entre o texto e o evento, constituindo a enunciação, principalmente através dos tempos e modos verbais (Weinrich *apud* Koch, 1993). Segundo o autor, o uso do imperfeito, do passado simples, do condicional, etc., em situações comentadoras, exprime uma nuance limitadora, descompromissada, trazendo ao contexto matizes que podem exprimir hipótese, incerteza, irrealidade, etc.

Nossa análise aponta situações do "mundo narrado" que passamos a demonstrar através dos textos abaixo, os quais contém essas formas verbais. Vejamos:

(07) O deputado Wilson Campos foi a figura central de um escândalo que lhe custou a cassação do mandato, e não por motivo político, que era um dos durões arrogantes da Câmara controlada pelos militares. Extinta a cassação, Wilson Campos voltou ao Congresso para uma vida parlamentar tão apagada quanto a anterior, embora com a inovação da simpatia distribuída a granel. (texto 07, § 10)

(08) Muito significativo que a primeira das novas carteiras do trabalho, entregue pelo próprio ministro-geógrafo Paulo Paiva, coubesse a uma jovem desempregada. O nome da carteira é que deixa de ser significativo. (texto 2 § 5)

Weinreich estudou várias situações comunicativas e concluiu que em cada uma delas predomina um sistema temporal, distribuído conforme a necessidade do emissor; este busca apresentar o mundo de modo a ser entendido pelo receptor como conteúdo da comunicação lingüística. No sistema temporal do "mundo narrado," o locutor convida o destinatário a converter-se em simples ouvinte, fazendo com que toda situação comunicativa se coloque no plano da consciência. O destinatário passa a situar-se, assim, de acordo com a temporalidade do "mundo comentado", que deixa de ter validade enquanto durar o relato. O autor diz que enquanto o presente se constitui tempo zero do "mundo comentado", o imperfeito e o perfeito simples constituem os tempos zeros do "mundo narrado".

Nossa análise procura averiguar também se os verbos modais funcionam como modificadores, alterando a força argumentativa dos enunciados nos quais eles são empregados. Os exemplos selecionados abaixo podem atestar isso:

(09) Se criou para si o meio poder, FHC poderia contentar-se em dar-nos pelo menos meias verdades. (texto 8 § 7)

(10) ...Prisco Viana é, entre os três, o único de quem se poderia esperar que repusesse a Câmara no caminho da convivência digna, e portanto não mais servil, com o Executivo e particularmente com a Presidência da República. (texto 4 § 7)

As modalidades epistêmicas referem-se ao eixo da crença, reportando-nos ao conhecimento que temos de um estado de coisas. As modalidades deônticas referem-se ao eixo da conduta, ou seja, à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer. Os modos

epistêmicos se referem ao próprio pensamento e os modos deônticos referem-se a conceitos que constituem a face subjetiva: disposições do sentimento, no caso de valores; disposições normativas, no caso dos imperativos. Segundo Guimarães(1976), tem-se considerado como modalidades básicas o necessário e o possível.

Em (01), a proposição apresenta um verbo comentador (será), que estabelece o eixo da conduta, portanto modalidade deôntica, conotando factualidade.

Em (05) "vai tornar " e "vai dar" são locuções que dão a mesma conotação por expressarem afirmação categórica.

O exemplo abaixo pode demonstrar o sentimento do locutor em relação às situações por ele projetadas que perpassam os âmbitos da crença e da conduta.

- (11) A idéia generosa, nem precisaria dizer, provém do ministério de Antônio Kandir, o do Planejamento. E, tanto quanto uma solução para atos passados, contém uma sugestão para novos atos: o negócio é invadir já alguma área simpática, de bom tamanho e bela vista, e construir depressa uma casinhola. (texto 5, § 6)

O sentido de obrigatoriedade e de necessidade contidos em uma proposição colocam as questões de se saber para quem *p* é obrigatório ou necessário, quem aprecia o valor modal do enunciado *p* e em virtude de que sistemas de normas. Dessa forma, o sujeito da enunciação ocupa posição privilegiada, o que leva a concluir que a pragmática se impõe por si mesma: um enunciado *p* qualquer pode ser modalizado por *querer, desejar, dever, poder*, etc.(Guimarães, 1979). Em (04), a expressão "deve ser" sugere ao leitor um fato possivelmente verdadeiro.

As modalidades podem referir-se ao eixo da existência, isto

é, determinar o valor de verdade das proposições. Reconhecidas tradicionalmente como modalidades aléticas ou aristotélicas, são extensionalmente motivadas por se referirem à verdade acerca de estados de coisas. Segundo Aristóteles, os enunciados de uma ciência nem sempre são verdadeiros uma vez que podem ser formulados como *possivelmente* ou *necessariamente* verdadeiros. E assim, com a modificação do sentido da simples verdade, com a ajuda da negação – a interna e a externa – nega-se a proposição e o operador modal, respectivamente.

(12) Mas o candidato de Fernando Henrique Cardoso e do vale-tudo governamental é Michel Temer, sobre o qual, para defini-lo como candidato, não se precisa dizer mais do que isso mesmo. Ou seja, nem vale a pena rememorar seus papéis, autodesignando-se relator da falsa reforma da Previdência ou, na semana passada, desobedecendo a convenção do PMDB de que é líder, para melhor sujeitar-se a ordens de fora do partido e da Câmara. (texto 4, § 7)

(13) Nenhum comandante seguro da sua condição precisa dizer que o comando é seu. Necessidades e afirmações assim exprimem o inverso do que apresentam (texto 8, § 3)

## 2. Advérbios e expressões equivalentes

Os fragmentos abaixo contêm operadores que aumentam a força argumentativa do emissor. Expressões adverbiais usadas pelo jornalista fazem alusão ao parlamentar Prisco Viana, exaltando seus valores morais.

(14) Não há dúvida, de espécie alguma... (texto 4, § 8)

O advérbio de negação e a locução adverbial se comportam como intensificadores do verbo em (14), o que serve de parâmetro para outros exemplos mostrados a seguir :

(15) ...qualificações muito maiores ... (idem, § 9)

Já no segundo parágrafo, deu-se a quebra de expectativa e o locutor passa a mostrar o caráter do candidato de FHC, cuja anáfora (mesmo) inicia uma série de qualificações desmerecedoras de Michel Temer:

(16) ...candidato...do vale tudo ... (idem)

(17) ...para melhor sujeitar-se a ordens de fora do partido e da Câmara.(idem)

No último parágrafo do texto 04, o autor expõe o passado do deputado Wilson Campos, criticando sua postura como parlamentar, e de forma mais veemente:

(18) ...simpatia distribuída a granel. (idem, § 10)

No texto 7, a expressão adverbial de tempo reforça a argumentação do locutor contra os interesses do governo na sucessão presidencial. Vejamos:

(19) Em dois anos e meio de governo, não se registra um só caso em que Fernando Henrique enveredasse por decisão, tática ou ato governamental que o PFL e, em particular, aqueles três pefelistas recusassem.(texto 7, § 6)

Ao analisarmos essa categoria, podemos observar que em (02) o autor fez uso de um advérbio de dúvida (repetido em 20) em relação às intenções do governo em se reeleger. Conforme a evolução dos temas abordados, observando (19), podemos constatar que a expressão adverbial de tempo aparentemente enfraquece a força argumentativa da enunciação; *Em dois anos e meio* tem escopo sobre todo o enunciado (quanto mais o tempo passa, menos o PFL recusa as decisões governamentais). Entretanto, se considerarmos que em (20) o advérbio *talvez* tem escopo apenas sobre a forma verbal *importa* (do mundo comentado), então podemos ter o enfraquecimento intencional da força argumentativa do enunciado.

... talvez no que lhe importa acima de tudo, que é a reeleição. (texto 1, § 3)

### 3. Adjetivos e expressões equivalentes

Os textos são ricos em adjetivações. A última proposição do texto (04) é uma condicional cuja oração condicionante ainda apresenta adjetivos como: obscuro e preteridos, os quais deveriam conter, nesse tipo de contexto, força contrária ao sentido do verbo “preocupar”. No entanto o locutor as utiliza para obter um ganho como operadores argumentativos, revelando assim ao leitor sua crença sobre esse estado de coisa.

Em (10), a força argumentativa dos adjetivos é construtiva somente no primeiro parágrafo, em favor de Prisco Viana.

(21) Grande conhecedor da Câmara e do Congresso...

(22)...competente como político...

(23) ...isento de figurasções indecorosas...

(24) ... convivência digna...

(25) ... e portanto não mais servil...

Já em (07) o adjetivo “arrogante” serve para atribuir um predicado/negativo explícito ao deputado Wilson Campos; em (12), o autor foi mais sutil e utilizou-se da anáfora “mesmo” que reforçada pela expressão comparativa “mais do que”, revela a intensidade com que ele considera e predica a mesma pessoa.

A adjetivação aumenta a força argumentativa na desqualificação moral dos outros dois candidatos , como segue:

(26)...tristes papéis...

(27)...relator da falsa reforma da Previdência...

(28)...figura central de um escândalo...

(29) ...um dos durões arrogantes da Câmara controlada pelos militares.

(30)...voltou ao Congresso para uma vida tão apagada quanto a anterior...

As expressões adverbiais operam como modificadores argumentativos até mesmo em relação à preocupação de FHC em negar, segundo o autor, a realidade dos fatos políticos, apresentada neste fragmento:

- (31) Nenhum comandante seguro da sua condição precisa dizer que o comando é seu. Necessidades e afirmações assim exprimem o inverso do que aparentam. (texto 8, § 3)

O adjetivo pode ser considerado um operador argumentativo que enfraquece a força argumentativa do enunciado, em (08). Entretanto em (11) os qualificativos “simpática”, “bom” e “bela” sugerem o fortalecimento da argumentação, uma vez que os determinantes esperados para aquela situação deveriam ser outros de sentidos menos valorativos. O mesmo se pode dizer do adjetivo “generosa” que para o contexto exerce força argumentativa contrária ao seu sentido original e em (05) com o diminutivo “baratinhos”. Em (07) o autor fez uso do comparativo de igualdade “...vida tão apagada quanto a anterior” para reforçar sua argumentação.

#### 4. Recursos estilísticos

Podemos verificar nos textos recursos estilísticos, os quais estão integrados e se constituem de categorias analíticas assim especificadas:

##### 4.1 - Metáfora

- (32) ...represa sempre pronta a romper-se em fúrias ... (texto 3, § 2)

- (33) ...um maná administrativo... (texto 9, § 3)

A contextualização dá condições de se perceber como certas expressões, paráfrases, entre outros recursos estilísticos, dão conta de estabelecer entre o locutor e o alocutário uma interação própria

do conhecimento de mundo que compartilham. Vejamos mais :

#### 4.2 – Trocadilho/ Paráfrase

(34) ...quase sempre é só para o que der. Ou quem der. (texto 9, § 3)

(35) Mas a privatização à brasileira não é mais do que um vale-tudo. (texto 2, § 6)

#### 4.3 – Ironia

(36) Com a lucidez de sempre... (texto 5, § 8)

(37) ...eventos positivos... (texto 6, § 7)

(38) Com a lucidez de sempre, o ministro Sergio Motta acha que o governo tem feito bastante na área social, mas “a Saúde e a Educação estão uma vergonha”. A lucidez não deu para explicar como é uma obra social que não inclui, exatamente, Educação e Saúde. (texto 5 § 8)

Com relação à aprovação da Lei Geral das Telecomunicações, o autor satiriza o descaso do governo; antes, ele seria contrário a esse ato, mas teria mudado de opinião por conta de vantagens ofertadas ao Ministério e a mais pessoas, conforme insinuação neste trecho:

(39) ...inovações muito típicas da atualidade governamental, um maná administrativo idêntico ao que há no Ministério das Comunicações, mas ofertando possibilidades de

aproveitá-lo a muito mais pessoas do que um ministro e um presidente da República.(texto 9, § 3)

#### 4. CONCLUSÃO

Procuramos estabelecer as relações semântico-pragmáticas e sintáticas do TAM (tempo, aspecto e modalidade) dos verbos que, com o auxílio de modificadores argumentativos (advérbios, adjetivos, locuções adverbiais e adjetivas), tornam o gênero discursivo menos ambíguo, uma vez que a intencionalidade de quem escreve pode criar dimensões diversas de acordo com o grau de inferência do leitor.

Somente através do conhecimento de mundo que se estabelece entre o emissor e seu destinatário é possível esclarecer o sentido de expressões aparentemente ambíguas mas que revelam toda uma intenção que permeia o discurso e o torna capaz de ser interpretado plenamente.

#### NOTAS

<sup>1</sup>Confira os textos selecionados para este trabalho na coleção do jornal *Folha de S. Paulo*:

Texto 1: "Entre o voto e a vala" (15/01/97).

Texto 2: "O poder privatizado" (22/01/97).

Texto 3: "A regra que decide" (04/02/97).

Texto 4: "Os dois Francis" (05/02/97).

Texto 5: "Direitos invadidos" (27/02/97).

Texto 6: "Noticias positivas" (08/06/97).

Texto 7: "O que cabe a cada um" (11/06/97).

Texto 8: "As inverdades inteiras" (12/06/97).

Texto 9: "Os nobres da corte" (20/06/97).

<sup>2</sup> Jânio de Freitas é quem empresta seu nome à coluna "Política" do jornal *Folha de S. Paulo* e, dentre nove textos selecionados, retiramos alguns fragmentos que servirão para análise neste trabalho. Carioca, egresso do *Diário Carioca* e do *Jornal do Brasil*, do qual foi um dos reformadores na década de 50, é considerado profissional de alto padrão técnico. É membro do Conselho Editorial da *Folha*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, M.C.R. *Modalidade e Gramaticalidade: Estratégias Discursivas na Fala Carioca*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1995.
- FREITAS, J. Entre o voto e a vala. *Folha de S. Paulo*, 15/01/97, p.5.-
- \_\_\_\_\_. O poder privatizado. *Folha de S. Paulo*, 22/01/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. A regra que decide. *Folha de S. Paulo*, 04/02/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. Os dois Francis. *Folha de S. Paulo*, 05/02/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. Direitos invadidos. *Folha de S. Paulo*, 27/02/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. Notícias positivas. *Folha de S. Paulo*, 08/06/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. O que cabe a cada um. *Folha de S. Paulo*, 11/06/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. As inverdades inteiras. *Folha de S. Paulo*, 12/06/97, p.5.
- \_\_\_\_\_. Os nobres da corte. *Folha de S. Paulo*, 20/06/97, p.5.
- DUCROT, O. *Princípios de Semântica Lingüística: Dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix. 1977.
- \_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. Argumentação e *topoi* argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (ed.). *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989a.
- \_\_\_\_\_. *Polifonia y Argumentacion*. Cali: Universidade del Valle, 1989b.
- GIVÓN, T. *Syntax*. 1994.
- \_\_\_\_\_. *Funcionalism and Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benhamins Publishing Company, 1995.
- LAGE, N. Anotações em sala de aula. Mimeo. UFSC. 1997.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Pontes, 1987.